

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO  
GRANDE DO NORTE

GENIVAL JARDEL TRAJANO TEIXEIRA

**A VISÃO DE UMA EMPRESA “A” E DE UMA COOPERATIVA “B” DO  
SEGMENTO FRUTICULTOR DIANTE O AGRONEGÓCIO POTIGUAR**

NATAL - RN

2017

GENIVAL JARDEL TRAJANO TEIXEIRA

**A VISÃO DE UMA EMPRESA “A” E DE UMA COOPERATIVA “B” DO  
SEGMENTO FRUTICULTOR DIANTE O AGRONEGÓCIO POTIGUAR**

Monografia apresentada ao curso de Tecnologia em Comércio Exterior, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Comércio Exterior.

Orientadora: M.<sup>a</sup> Elisângela C. de Meireles

NATAL

2017

Teixeira, Genival Jardel Trajano.  
T266v A visão de uma empresa “A” e de uma cooperativa “B” do  
segmento fruticultor diante o agronegócio potiguar / Genival Jardel  
Trajano Teixeira. – Natal, 2017.  
51 f : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Comércio  
Exterior) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do  
Rio Grande do Norte. Natal, 2017.

Orientador(a): M.<sup>a</sup> Elisângela C. de Meireles.

1. Commodities. 2. Comércio exterior. 3. Frutas. 4. Agronegócio  
– Rio Grande do Norte. I. Meireles, Elisângela C. de. II. Instituto  
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do  
Norte. III. Título.

GENIVAL JARDEL TRAJANO TEIXEIRA

**A VISÃO DE UMA EMPRESA “A” E DE UMA COOPERATIVA “B” DO  
SEGMENTO FRUTICULTOR DIANTE O AGRONEGÓCIO POTIGUAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso Superior de  
Tecnologia em Comércio Exterior, do  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Rio Grande do Norte, em  
cumprimento às exigências legais como  
requisito parcial à obtenção do título em  
Tecnólogo em Comércio Exterior.

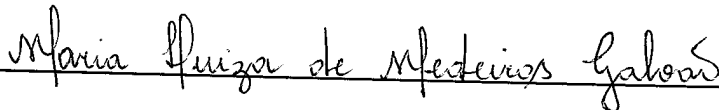
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado em 15/12/2017,  
pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA



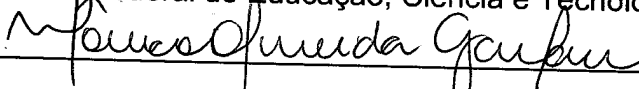
Elisângela Cabral de Meireles, M.<sup>a</sup> - Presidente

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Maria Luiza de Medeiros Galvão, M.<sup>a</sup> - Examinadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Monica Almeida Gavilan, M.<sup>a</sup> - Examinadora

Universidade Potiguar

Dedico este trabalho à minha mãe Francineide Trajano da  
Rocha e ao meu pai Genival Teixeira.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo presente da vida. Ao M.e Richeliel Albert Rodrigues Silva, pelo apoio acadêmico. As minhas irmãs: Geovanna Trajano Teixeira, Maria Lúcia Florêncio da Silva, pelo amor e apoio em todos os momentos. A professora M.<sup>a</sup> Elisângela Cabral de Meireles, pela orientação, atenção e incentivo durante a minha vida acadêmica. As professoras: M.<sup>a</sup> Maria Luiza de Medeiros Galvão e a M.<sup>a</sup> Mônica Almeida Gavilan por aceitarem fazer parte da banca examinadora. A professora Dra. Lúcia de Fátima Lúcio Gomes da Costa, pela amizade, carinho e orientação acadêmica. Aos meus amigos, Mara, Rivânia, Rodrigo, Bruna, Tuêsda e Natália, pelo companheirismo e apoio durante os momentos da minha vida.

## RESUMO

A exportação de frutas tornou-se destaque no Brasil, gerando resultados positivos na balança comercial do estado do Rio Grande do Norte. Assim, compreendendo a relevância do setor fruticultor, o trabalho analisa a atuação de duas organizações da fruticultura no agronegócio do estado do Rio Grande do Norte. O agronegócio potiguar encontra-se em constante expansão, tornando as informações do presente estudo relevantes para a comunidade científica e sociedade. A pesquisa é caracterizada como exploratório-descritiva, de caráter quali-quantitativo, amparadas em dados secundários (bibliográficos) e em dados primários, sendo também um estudo de caso dois, uma vez que envolve duas organizações, sendo uma empresa situada no município de Ipanguaçu e uma cooperativa de fazendeiros localizada no município de Mossoró. Na pesquisa foi possível identificar que a fruticultura local depende de vários fatores, entre eles a logística e os incentivos para as exportações, foram verificados diante das respostas do questionário utilizado que o estado não possui uma estrutura logística apropriada, que devido à falta de estrutura limita-se o desenvolvimento do setor, isso porque o porto de Natal não possui capacidade de receber ao menos um bitrem que é um modal bastante utilizado na facilitação da movimentação de mercadorias, foi observado também que as empresas miram na janela de mercado dependendo dela para exportar seus produtos, sendo que outros países do mesmo setor estão investindo em tecnologias para produzir o ano inteiro, podendo essas empresas influenciar na concorrência do mercado externo, além disso foi notado também que uma das organizações questionadas destacou o ano de 2015 como um ano bastante favorável para as suas exportações devido ao câmbio, o clima e a baixa produção da concorrência.

Palavras-Chave: *Commodities*. Comércio Exterior. Frutas. Agronegócio.

## **ABSTRACT**

The export of fruits became featured in Brazil, generating positive balance of trade of the State of Rio Grande do Norte. Thus, understanding the relevance of the berries grow on trees, the sector work analyzes the activities of two organizations of fruit growing in agribusiness in the State of Rio Grande do Norte. Agribusiness Brazil is in constant expansion, making this study information relevant to the scientific community and society. The research is characterized as descriptive exploratory qualitative-quantitative character, supported on secondary data (bibliographic) and primary data, as well as a case study two, since it involves two organizations, one company located in the municipality of Ipangaçu and a cooperative of farmers in the municipality of Mossoró. In the research it was possible to identify that the fruit-growing location depends on several factors, including logistics and the incentives for exports, were checked before the answers of the questionnaire used that the State lacks a logistics structure proper, which due to the lack of structure is limited the development of the sector, this is because the port of Natal does not have ability to receive at least a bitrain that is a modal quite used in the facilitation of movement of goods, it was observed that the target companies in the depending on her market to export its products to other countries in the same sector are investing in technology to produce year-round, and can these companies influence on competition in the international market, besides it was also noticed that one of the organisations questioned highlighted the year 2015 as a year quite favorable to its exports due to the exchange, the climate and the low production of competition.

**Keywords:** Commodities. Foreign Trade. Fruits. Agribusiness.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	8
1.1 PROBLEMA DA PESQUISA	9
1.2 OBJETIVOS	9
<b>1.2.1 Geral</b>	9
<b>1.2.2 Específicos</b>	9
1.3 JUSTIFICATIVA	10
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	11
2.2 A FRUTICULTURA NO BRASIL E NO MUNDO	13
2.3 A FRUTICULTURA NO NORDESTE BRASILEIRO	15
<b>2.3.1 A fruticultura no estado da Bahia</b>	16
<b>2.3.2 A fruticultura no estado do Ceará</b>	16
<b>2.3.3 A fruticultura no estado de Pernambuco</b>	17
2.4 PRINCIPAIS PRODUTOS DA FRUTICULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE	18
<b>3. METODOLOGIA</b>	24
3.1 TIPO DE PESQUISA	24
3.2 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	24
3.3 TÉCNICAS PARA ANÁLISE DOS DADOS	25
<b>4. ANÁLISES DOS DADOS</b>	27
4.1 A PARTICIPAÇÃO DA EMPRESA/SOCIEDADE QUESTIONADA NO COMÉRCIO EXTERIOR	27
4.2 EMPRESA/SOCIEDADE	27
4.3 REGIMES ADUANEIROS ESPECIAIS	28
4.4 MODALIDADES DE PAGAMENTO	29
4.5 MODAIS UTILIZADOS NA EXPORTAÇÃO DAS FRUTAS DO RN	29
4.6 SEGURO	29
4.7 FRUTAS COMERCIALIZADAS NO MERCADO EXTERNO	30
4.8 A VISÃO DAS ORGANIZAÇÕES DIANTE O DESENVOLVIMENTO DA FRUTICULTURA LOCAL	31
4.9 A CONCORRÊNCIA	32
4.10 O AGRONEGÓCIO DO RN DIANTE O SETOR DA FRUTICULTURA	34
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	36
<b>REFERÊNCIAS</b>	38
ANEXO A - Questionário	48

## 1. INTRODUÇÃO

As *commodities*<sup>1</sup> são relevantes para a economia brasileira, especialmente as que pertencem ao setor agrícola. Neste contexto, o Brasil é considerado um dos maiores produtores de frutas do mundo, onde apenas no ano de 2014 foram produzidas 40.171.283 toneladas, ficando atrás somente da China e da Índia, que juntas correspondem a 45,9% da produção mundial (SEAB, 2017). Apesar da maior parte da produção ser consumida no mercado interno, as frutas brasileiras *in natura*<sup>2</sup> apresentam resultados positivos na balança comercial do país.

No Rio Grande do Norte, conforme os dados registrados na Balança Comercial, pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN), as principais frutas exportadas são: melão, melancia, mamão, manga e banana (FIERN, 2016). Diante disso, a fruticultura potiguar torna-se um dos setores fundamentais para o desempenho da economia do estado.

De acordo com o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - MAPA, foram exportados 188.663.612 kg de frutas, correspondendo a 64,8% do agronegócio do estado. Entre os produtos exportados destacam-se em US\$ os melões com US\$ 75.318.687, nozes e castanhas US\$ 25.183.495, melancias US\$ 16.145.173 entre outros produtos agrícolas (BRASIL, 2017).

Visando atender toda demanda interna e externa de frutas faz-se necessária à importação de insumos, como sementes, fertilizantes, agrotóxicos, entre outros produtos necessários para a produção das frutas. Conforme os dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), foram entregues 34.083.415 toneladas de fertilizantes em todo o Brasil no ano de 2016.

Neste contexto, algumas sociedades cooperativas e empresas importam seus insumos de um único fornecedor externo, no caso das sementes e fertilizantes. Além do mais, são utilizados sistemas de irrigação na produção de algumas frutas, por causa da sazonalidade climática do semiárido, caracterizada por longos períodos de estiagem. Através destas observações compreende-se a importância do agronegócio na fruticultura.

---

<sup>1</sup> Produtos de baixo valor agregado.

<sup>2</sup> Que está no estado natural, sem processamento industrial. Para a fruta ser considerada *in natura* para o comércio externo, especialmente para o mercado europeu faz-se necessário alguns cuidados especiais.

Com isso, o uso da irrigação foi necessário para o desenvolvimento da fruticultura nordestina, sendo utilizada desde meados do século XIX, com o objetivo de solucionar as necessidades regionais provocadas pelos longos períodos de estiagem (LIRA; OLIVEIRA, 2012). Para algumas regiões, como é o caso do Nordeste, do Norte de Minas Gerais e do Espírito Santo, a maior parte das empresas produtoras de frutas fazem uso das tecnologias de irrigação.

Em seguida, foi descrita a problemática da pesquisa, que está relacionada a duas organizações exportadoras de frutas do estado do Rio Grande do Norte, assim como os seus objetivos, que são voltados para fruticultura e agronegócio do estado e a justificativa do tema do presente estudo.

## 1.1 PROBLEMA DA PESQUISA

Para Gil (2010), a palavra pesquisa pode ser definida como um procedimento racional e sistemático, com objetivo de encontrar respostas para determinados problemas. Compreendendo a importância da fruticultura para o agronegócio brasileiro e para a dinâmica socioeconômica produtiva exportadora potiguar, surgiu a seguinte problemática de pesquisa:

Qual a participação das organizações exportadoras do setor fruticultor diante o agronegócio potiguar nos últimos quinze anos?

## 1.2 OBJETIVOS

Em seguida serão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa, que levarão as conclusões ou considerações finais.

### 1.2.1 Geral

Analisar a atuação de duas organizações do setor da fruticultura no agronegócio do estado do Rio Grande do Norte.

### 1.2.2 Específicos

a) Observar o desenvolvimento da fruticultura do RN;

- b) Compreender a importância da fruticultura para o agronegócio do estado;
- c) Avaliar os dados quali-quantitativos registrados no período de 2002 a 2016 das frutas exportadas, com base nas informações de uma empresa e uma sociedade cooperativa.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A exportação de frutas tornou-se destaque no Brasil, como também na balança comercial do estado do Rio Grande do Norte, sendo importante nos contextos social e econômico. O agronegócio potiguar encontra-se em constante expansão, tanto na importação de insumos para a produção, quanto na exportação de frutas para outros países. Diante disso, o presente estudo torna-se relevante para o entendimento da expansão que abrangem a fruticultura e o agronegócio.

No Rio Grande do Norte, as regiões geográficas imediatas de Mossoró e Açu apresentam melhor desenvolvimento da fruticultura, contribuindo com mais da metade dos empregos formais dos setores agrícola e pecuário (BEZERRA, 2008). Assim, compreende-se a importância do desenvolvimento de trabalhos voltados à agricultura e pecuária, especialmente para o setor da fruticultura.

O presente estudo abrange dados do período de 2002 a 2016, que serão discutidos conforme as respostas inseridas nos questionários que foram enviados às empresas do setor da fruticultura. No ano de 2002, os percentuais de frutas exportadas pelo estado ainda se encontravam tímidos diante o comércio exterior, já que algumas das frutas ainda não eram exportadas pelo estado, como é o caso da manga fresca, além do melão (considerado a fruta de maior ênfase do estado), que ainda estava em crescimento nas exportações. Com isso, a pesquisa torna-se significativa, uma vez que, além da fruticultura constituir um setor de grande relevância para economia potiguar, foi possível realizar a análise dos questionários dos entrevistados, com informações relacionadas as frutas exportadas.

Assim, o estudo caracteriza-se como inovador, já que foram encontrados poucos trabalhos que relacionaram as empresas exportadoras e a balança comercial de frutas do estado do Rio Grande do Norte nos últimos quinze anos, como o estudo desenvolvido pelo Sebrae (2016). Apesar de alguns pesquisadores terem explorados informações de empresas produtoras de frutas da região, através de estudos de casos, não foram encontrados trabalhos que fizessem a relação utilizada no presente

estudo.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O movimento das frutas no mercado externo é evolutivo, Faveret Filho e Ormond (1999) apontaram que no mercado internacional as frutas de climas tropicais dominam este comércio, em detrimento das demais frutas.

A seguir serão apresentadas informações teóricas sobre o agronegócio e a fruticultura no Mundo e no Brasil especialmente na Região Nordeste e no estado do Rio Grande do Norte. Informações que exibirão a importância deste setor para as economias mundial, nacional e local.

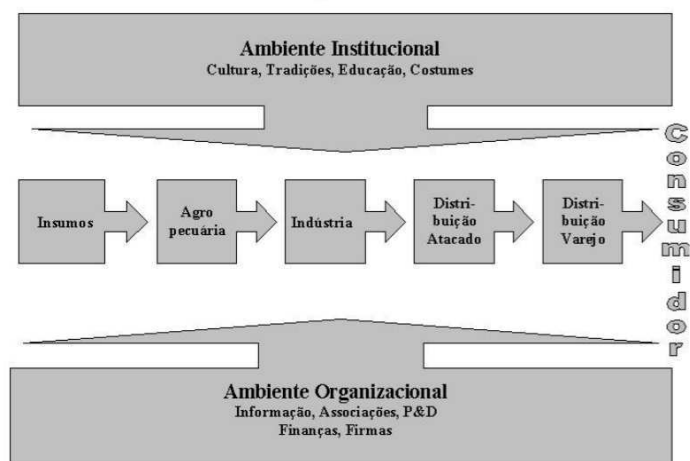
### 2.1 AGRONEGÓCIO E O COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

O desenvolvimento da agricultura em relação à industrialização, incluindo os insumos e produtos, levaram à denominação do agronegócio, conhecido como *agribusiness*, que compreende todas as atividades relacionadas e decorrentes da produção agropecuária. O agronegócio é definido como a cadeia produtiva que inclui desde a fabricação de insumos, a produção nas fazendas, a sua transformação até o seu consumo (LACERDA et al., 2004).

Neste sentido, “O conceito de *agribusiness* tem sido largamente difundido com base na ideia de um fluxo de agregação de valor, desde a indústria de insumos, passando pela produção rural, pelas agroindústrias, pela distribuição e chegando, por fim, aos consumidores finais” (NEVES et al., 1997, p. 10).

Ademais, “o agronegócio é visto como a cadeia produtiva que envolve desde a fabricação de insumos, passando pela produção nos estabelecimentos agropecuários e pela sua transformação, até o seu consumo” (GASQUES et al., 2004, p. 8) (Figura 1).

Figura 1 - Sistema das etapas do agronegócio.



Fonte: Waack e Terran (1998) *Apud* Gasques et al. (2004).

As exportações do agronegócio sempre tiveram papel de destaque na economia brasileira, gerando subsídios para o balanço de pagamentos do país (CONTINI et al., 2012). Além disso, o agronegócio brasileiro abrange uma cadeia produtiva, que envolve a fabricação de insumos, produção, transformação e consumo final, envolvendo pesquisa, assistência técnica, transporte, crédito, exportação, comercialização, distribuição entre outras atividades (MARANHÃO; VIEIRA FILHO, 2016).

Adicionalmente, o Brasil é considerado um país especializado em *commodities* (produtos de baixo valor agregado). Neste sentido, as *commodities* agroindustriais foram causadoras de um percentual de 90% de tudo que o agronegócio do país destina ao comércio exterior, sendo alvo de altas proteções e barreiras (JANK et al., 2005).

Mesmo diante das várias vantagens atribuídas ao agronegócio, na década de 1980, o agronegócio brasileiro ainda se apresentava tímido e encarou alguns obstáculos, como por exemplo, a integração da economia brasileira a mundial globalizada, que logo após tornou-se a agricultura brasileira visível ao comércio externo (NASCIMENTO et al., 2008).

Além disso, o agronegócio brasileiro fortificou-se no mercado externo a partir da abertura comercial (1990) e do plano real (1994), quando os produtos provenientes do setor agrícola aumentaram consideravelmente as exportações (SCHWANTES et al., 2017). Associado a isso, existem as transformações estruturais, principalmente em relação a saturação do mercado internacional de *commodities*; dependência cada

vez maior de suporte científico tecnológico; demanda por processos de gestão e; atendimento a novas exigências de padronização e controle de qualidade dos produtos (LACERDA et al., 2004).

Entretanto, o agronegócio apresenta muitas vantagens para a economia brasileira, pois o agronegócio nacional sempre propiciou que o Brasil fosse um dos países mais competitivos do mundo, isso através das *commodities* agroindustriais, contribuindo também para a mão de obra no seu processo de produção (JANK et al., 2005). Além dos benefícios econômicos, o agronegócio contribui fortemente na esfera social, quando somente no ano de 2015 foram registrados 14,4 milhões de pessoas empregadas no setor, refletindo 24,2% da população ativa, totalizando 21,46% do Produto Interno Bruto – PIB (BARBOSA, F. C. M., 2016).

Portanto, o crescimento no nível de exportações de produtos do agronegócio brasileiro tem sido consistente, apesar das condições desfavoráveis, como a apreciação persistente do câmbio, verificada nos últimos anos (CONTINI et al., 2012). Dentre os principais produtos do agronegócio, destaca-se os da fruticultura, que faz parte de um setor bastante competitivo no cenário econômico, representando dados estatísticos significativos diante da produção agrícola nacional, sendo um dos segmentos mais satisfatórios para a agricultura nacional brasileira.

## 2.2 A FRUTICULTURA NO BRASIL E NO MUNDO

A China, Índia e o Brasil são considerados os três principais exportadores de frutas do mundo, com destaque para o melão, manga, limão e lima, banana, maçã, mamão papaia, melancia e uva, que juntas representam 95% das exportações do Brasil para o comércio externo, oriundas de lavouras permanentes e temporárias (SEBRAE, 2015). De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2015), a expansão de terras e o melhoramento da produção colaboram para o aumento da produção.

Neste contexto, o Brasil é considerado o terceiro maior produtor mundial de frutas, com uma produção de 40 milhões de toneladas ao ano, porém participa com apenas 2% do comércio global do setor, devido principalmente ao elevado consumo de frutas no mercado interno. Além disso, a produção de frutas compreende uma área de aproximadamente 1,9 milhões de hectares (ANUÁRIO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 2010).

Entre as *commodities* agrícolas, destaca-se a fruticultura, que possui participação bastante relevante na Balança Comercial brasileira. Neste contexto, o setor da fruticultura corresponde a 25% da produção agrícola no âmbito nacional, sendo também o terceiro maior produtor de frutas frescas na esfera mundial (LACERDA et al., 2004). Além disso, o aumento das exportações desses produtos *in natura* no mercado internacional ocorre pela sua procura contínua (CARVALHO; CUNHA FILHO, 2015).

No que se refere à produção, as regiões Nordeste, Sudeste e Sul são consideradas as principais produtoras de frutas, onde a diferença de temperaturas nessas regiões dão origem a uma diversidade de frutas tanto as de ambientes temperados quanto as consideradas tropicais (VIEIRA et al., 2011). As frutas de clima temperado como uva, maçã, pêssego, caqui, figo, entre outras, são consideradas relevantes para o crescimento da fruticultura brasileira (FACHINELLO et al., 2011).

Além disso, o mercado interno consome a maior parte dessas *commodities* agrícolas que são bastantes relevantes para a economia do Brasil. O gosto, assim como o cheiro das frutas, o manejo e o tempo da produção tornam-se responsáveis pelo avanço da fruticultura, gerando positividade para economia interna do país (BATISTA et al., 2014).

Adicionalmente, destaca-se a importância no caráter econômico-social da fruticultura, uma vez que esta atividade está presente em todos os estados brasileiros (FACHINELLO et al., 2011). Com isso, a fruticultura representa elevado impacto na renda dos agricultores e, portanto, uma alternativa para dinamizar economias locais afetadas por baixas alternativas de desenvolvimento (BUAINAIN; BATALHA, 2007).

Apesar da importância econômica da fruticultura, uma das maiores limitações enfrentadas pelas empresas é a manutenção da cadeia de frio para a conservação da qualidade das frutas até o consumidor final (SILVA, 2008). Visando melhorar o potencial de conservação pós-colheita, torna-se necessário um período adequado para maturação dos frutos, considerando o momento da colheita, como também a temperatura de armazenamento apropriada, objetivando o prolongamento da vida útil de produtos frescos no processo de exportação (AROUCHA et al., 2012).

Outro fator que deve ser levado em consideração, visando o aperfeiçoamento das exportações é a logística, para isso o país deve dispor de infraestrutura e incentivos com o propósito de melhorar esse segmento, pois “produtividade deriva de custos e investimentos, e o Brasil necessita não só para aumentar a sua participação



no mercado internacional, mas também simplesmente manter o que já conquistou” (QUAGLIO, 2012, p. 3).

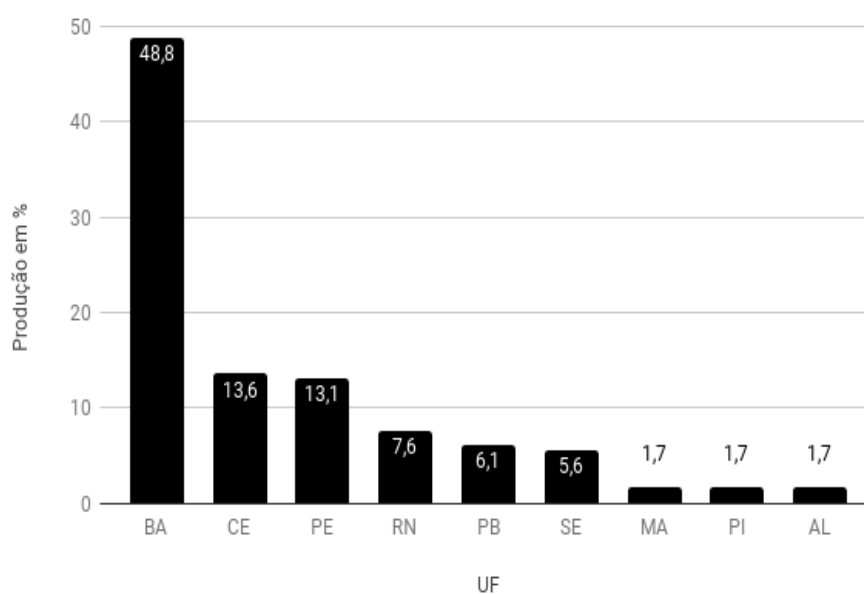
### 2.3 A FRUTICULTURA NO NORDESTE BRASILEIRO

Gomes (1972) apontou que a pomicultura agrega muitas vantagens. Além da sua facilidade no cultivo, as frutíferas rústicas e tropicais, produzem frutas saborosas. O autor ainda enfatiza a importância do clima para o pomar, já que cada pomar atribui suas exigências quanto ao clima, quanto mais luz a fruta recebe mais doce e colorida será, isso conforme sua quantidade e intensidade de luz recebida.

Mesmo todas as regiões do Brasil produzirem frutas tropicais, a região Nordeste do país destaca-se, apresentando vantagens quando comparada com as demais, isso devido aos fatores ecológicos e territoriais (disponibilidade de terras), visto que o Nordeste ocupa uma área de 1.556.000 km<sup>2</sup>, que equivale a 18% do território brasileiro (PASSOS; SOUZA, 1994).

Assim, ao relacionar a fruticultura com o Nordeste brasileiro, passou-se a analisar os dados quantitativos, a partir dos principais estados produtores da região (Gráfico 1): Bahia (BA), Ceará (CE), Pernambuco (PE) e Rio Grande do Norte (RN).

Gráfico 2 - Produção da fruticultura no Nordeste no ano de 2014.



Fonte: IBGE, (2016).

Como se observa, o estado da Bahia suplanta a produção dos estados do Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe e do estado do Maranhão. Diante dessas estatísticas é considerável dizer que o estado da Bahia é bastante relevante para a fruticultura da Região Nordeste.

### **2.3.1 A fruticultura no estado da Bahia**

O setor fruticultura da Bahia vem se aperfeiçoando gradualmente, isso devido a inclusão de novas tecnologias, fatores climáticos e da presença da água para a irrigação das frutas, que apresentam qualidade, tendo como resultado a aceitação no mercado interno e externo (FERRAZ, 2013).

A Região Oeste da Bahia possui vantagens tanto para a agropecuária quanto para as várias culturas oriundas do setor agrícola, quanto para a pecuária. A região está localizada próximo ao Rio São Francisco e possui uma certa facilidade para o escoamento dos produtos pelos modais rodoviário e hidroviário, podendo interligar outras regiões (BATISTELLA et al., 2002).

De acordo com Vidal e Ximenes (2016), uma das culturas que fazem o estado destacar-se em relação aos demais, é a cultura do cacau que ocupa uma área superior a 500 mil hectares. Além do mais, o cacau se adequou ao Sul da Bahia e trouxe desenvolvimento e melhorias para as famílias localizadas nesta Região (CUENCA; NAZÁRIO, 2004).

Apesar do cacau ocupar uma área bastante ampla, a banana, a laranja e o mamão estão entre as principais culturas produzidas pelo estado, onde em 2015 foram produzidas 1,068 milhão de toneladas da banana, 962 mil toneladas da laranja e 723 mil toneladas do mamão (SEAGRI, 2017).

Em seguida, será dada a continuidade dos estados que possuem alta relevância quanto suas estatísticas diante os demais estados inseridos no Nordeste brasileiro. O Ceará é um dos estados que mais exporta frutas tropicais, como é o caso do melão cearense que está sempre competindo com o melão potiguar.

### **2.3.2 A fruticultura no estado do Ceará**

O Ceará é um dos estados que possui uma área muito ampla para o cultivo de frutas. Diante disso, é considerado o segundo estado com a maior área explorada pela

fruticultura de toda Região Nordeste, onde o cajueiro ocupa uma área de 380 mil hectares (VIDAL; XIMENES, 2016).

A fruticultura do estado do Ceará obteve uma grande evolução no decorrer dos anos. No ano de 1998, as exportações de frutas totalizavam US\$ 885 mil, enquanto no ano de 2007 as exportações alcançaram US\$ 77,2 milhões (CAMPOS; CARVALHO, 2010). Quando se trata exclusivamente da melancia, 70% da sua produção é destinada ao comércio externo, para países como Inglaterra, Alemanha, Holanda e Bélgica (ALVES, 2009).

Diante disso, considera-se que o setor agrícola do estado do Ceará é bastante relevante, pois é através dele que se pode garantir uma melhor qualidade de vida e a sobrevivência da população deste segmento, além de diminuir a migração rural-urbana do homem (SILVA et al., 2004).

De acordo com os dados estatísticos do MDIC, o Ceará é o estado que mais compete posição com o Rio Grande do Norte, no que se refere ao melão, principal fruta exportada pelo RN. Ao acompanhar os números das exportações de melão até o momento, pressupõe-se que no ano de 2017 o estado do Rio Grande do Norte feche com percentual acima das exportações do Ceará.

### **2.3.3 A fruticultura no estado de Pernambuco**

No Nordeste existem dois grandes polos de grande relevância para o setor fruticultor: o Vale do Assú e o Vale São Francisco, onde o estado da Bahia encontra-se dentro do Vale São Francisco, que segundo Bustamante (2009), Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) podem ser consideradas regiões incentivadoras da economia local, uma vez que as regiões demandam mão de obra e são ocupadas pelos moradores locais.

No estado pernambucano, o maior volume de produção encontra-se na bacia do Vale São Francisco, que é a região mais produtora de goiaba e uva (VIDAL; XIMENES, 2016). O polo Petrolina/Juazeiro tem sua economia voltada as atividades agrícolas, mais especificamente na fruticultura irrigada (LACERDA et al., 2004).

Como se pode observar, na Figura 2 (p.16), o estado de Pernambuco encontra-se como o terceiro maior estado produtor de frutas da Região Nordeste, ficando atrás apenas da Bahia e do estado do Ceará sendo responsável por uma produção de 13,1%. De acordo com Correia et al. (2001), o município de Petrolina possui um percentual de 51% da população empregada na agricultura, sendo o comércio com

39,75 e a indústria 8,7%.

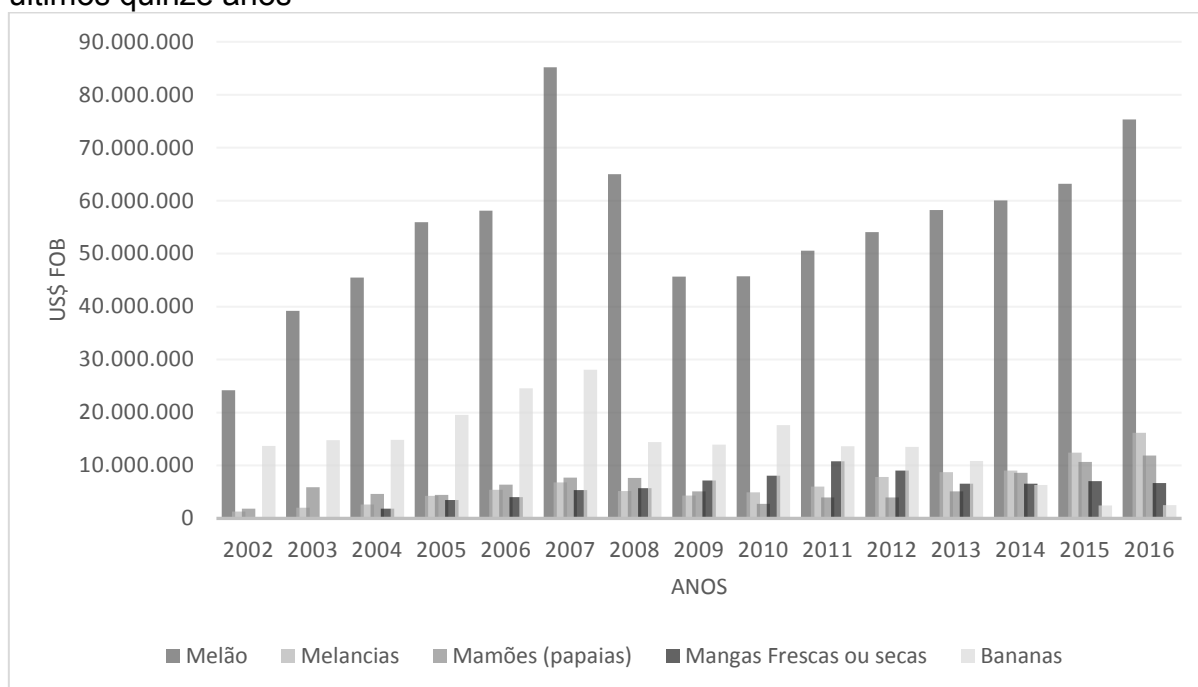
Sabendo então que o estado do Pernambuco é um dos maiores produtores de frutas do Nordeste, em seguida serão apresentados os principais produtos pertencentes ao agronegócio do estado do Rio Grande do Norte, assim como as principais frutas exportadas, a Figura 2 (p.16), expõe o RN como o quarto maior produtor da região.

#### 2.4 PRINCIPAIS PRODUTOS DA FRUTICULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE

O estado do Rio Grande do Norte está localizado na região Nordeste do Brasil, abrangendo 167 municípios. O estado destaca-se por ser o que mais exporta frutas em todo o território nacional, ressaíndo também como um importante polo na produção de melões e castanhas (COSTA, 2009).

Segundo as estatísticas da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (FIERN), as principais frutas exportadas pelo estado seguem na seguinte classificação: melão, melancia, manga, mamão e banana (Gráfico 2). Assim, conforme as estatísticas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, nota-se a participação da fruticultura no agronegócio do estado (Tabela 1).

Gráfico 2 – Exportações das frutas frescas do estado do Rio Grande do Norte nos últimos quinze anos



Fonte: Aliceweb, (2017).

Tabela 1 – Exportações dos produtos do agronegócio do Rio Grande do Norte

Produtos exportados	Valor (US\$)	Peso (kg)
Bebidas	2.107	521
Cacau e seus produtos	692	520
Complexo sucroalcooleiro	2.890.761	6.311.590
Couro, produtos de couro e peleteria	14.529	1.514
Demais produtos de origem animal	3114052	2.990.709
Demais produtos de origem vegetal	956.923	1.571.650
Fibras e produtos têxtis	27.994.212	5.048.888
Frutas (incluindo nozes e castanhas)	142.814.104	188.663.612
Lácteos	13.073	1.040
Pescados	24.840.225	3.262.558
Plantas vivas e produtos de fruticultura	53.566	13.156
Outros produtos	17.617.141	8.363.802
<b>Total</b>	<b>220.312.385</b>	<b>216.229.560</b>

Fonte: Adaptado de MAPA (2017).

O melão é a fruta que o estado mais produz e exporta. Com origem na África, sua dispersão ocorreu na Índia, onde a partir deste país foi disseminado para os demais países. O melão (*Cucumis melo*) atualmente é conhecido em todo o mundo. Somente no ano de 2002 ocupou uma área de 1.162.136 hectares, atingindo uma produção de 21.588.746 toneladas (FAO, 2015).

Ainda neste contexto, no âmbito mundial, o Brasil é um dos maiores produtores

entre os países Sul-americanos, indicando que ainda existem grandes tendências de crescimento para a sua cultura, isso, resultante do consumo interno e das exportações (COSTA et al., 2000). Ganhando então um forte espaço no mercado internacional, no ano de 2014 o melão foi à fruta com maior nível de exportação, com 196.840 toneladas (SEBRAE, 2015).

Somente no ano 2000, alguns estados da Região Nordeste destacaram-se nas suas produções, como os estados do Ceará, Bahia, e Pernambuco e Rio Grande do Norte, que atingiram 93% da produção brasileira de melão, onde o RN participou com 54% (SILVA et al., 2003).

Um outro fruto que o estado se destaca é a produção de melancia, que é uma fruta originária do continente africano. Trata-se de um fruto ânuo, onde suas ramificações podem chegar até 5 m de comprimento (COSTA; LEITE, 2007). A melancia é uma fruta consumida em vários países, sendo a Índia, o Irã e Estados Unidos os principais países que fazem uso da cultura da melancia (AZEVEDO et al., 2004).

As primeiras sementes das melancias do tipo redondo e pequeno, chegaram ao século 17, no decorrer do ciclo da cana de açúcar. Os escravos foram os principais responsáveis pelo início do plantio no Brasil, sendo este insumo de origem africana, uma vez que os próprios escravos trouxeram estas sementes durante suas vindas para trabalhar nos canaviais. Eles plantavam estas sementes ao redor das senzalas. O cultivo iniciou-se no Nordeste brasileiro, principalmente no Maranhão e na Bahia, região onde se localizava os canaviais (SALDANHA, 1989; CASTELLANE; CORTEZ, 1995; QUEIROZ et al., 1999).

Os pequenos agricultores têm uma grande participação no cultivo da melancia (*Citrullus lanatus*), tornando-se uma fruta bastante relevante para a economia do Nordeste brasileiro (DIAS et al., 2001). Nos municípios de Mossoró e Assú, o cultivo da melancia parou de limitar-se, deixando de ser vendida apenas no mercado local. Sua produção dava-se apenas no período das chuvas, sem a utilização de tecnologias (BRAGA et al., 2011). De acordo com os dados da AGN – Central do Investidor, o Rio Grande do Norte, destacou-se como o maior produtor de frutas tropicais irrigadas do Brasil (AGN, 2014).

A época de plantio da melancia sofre influência da localização e altitude, nas regiões mais úmidas, o plantio pode ser realizado nos meses de outubro a fevereiro, já nas regiões mais secas, o cultivo pode acontecer em todo o ano, com o auxílio da

irrigação (COSTA; LEITE, 2007). Através da irrigação, a fruticultura potiguar obteve ampla participação no mercado externo, com destaque para o melão, banana, mamão, manga e melancia, que tiveram destaque na pauta de exportação do estado, nas décadas de 80 e 90 (SILVA; MOTALVÁN, 2008).

Assim, a melancia produzida no RN tem bastante relevância no mercado. Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o RN aparece em terceiro lugar no quesito produção em todo o nordeste e o nono em todo o território nacional brasileiro (IBGE, 2012). O Semiárido brasileiro, com o seu clima quente, participa da otimização da melancia dando qualidade ao produto. Os estados do RN e do CE destacam-se como os maiores exportadores do fruto (VILELA et al., 2006).

Alguns elementos como a falta de sementes, a facilidade do transporte e o acondicionamento são responsáveis pela expansão do cultivo da melancia sem sementes (GRANGEIRO; CECÍLIO FILHO, 2005). Diante disso, na escolha da fruta o consumidor encara: o preço, o tamanho, forma, presença de sementes ou ausência (DIAS et al., 2001). Além disso, a Europa é o continente onde existe uma maior demanda por essa fruta.

Em relação aos benefícios da melancia, sabe-se que ela é uma das olerícolas<sup>3</sup> mais relevantes para a economia potiguar, através da sua participação na balança comercial do estado, promovendo muitos benefícios. Em relação à importância nutricional, a melancia é composta em torno de 97% de água, assim, além de possuir poucas calorias ela agrega as vitaminas A, C, B1 e B2 (BASTOS et al., 2008). Desde o período colonial, a melancia é usada na dieta, devido ao seu elevado valor nutricional (CORREA, 2010).

Conforme os dados estatísticos da balança comercial do RN, disponível pela Federação das Indústrias, do estado do Rio Grande do Norte (FIERN), países pertencentes à União Europeia como Alemanha e Portugal são destinos das exportações potiguares de mamão (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, 2016).

As exportações de frutas frescas do estado do Rio Grande do Norte, têm cooperado para expansão do agronegócio brasileiro, isso por destacar-se com uma das atividades mais dinâmicas do estado (COSTA et al., 2007). De acordo com os

---

<sup>3</sup> A palavra olerícola vem do latim *olus* hortalíça e *colere* cultivar. Trata-se de um pequeno conjunto de culturas de plantas de períodos curtos e de tratamentos culturais intensivos.

dados disponíveis da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, o município de Baraúna é responsável pela maior produção do RN, no qual corresponde a 50% da produção (EMBRAPA, 2016).

O Rio Grande do Norte é o terceiro maior exportador de mamão do Brasil, isso devido à ação do governo diante a competitividade da fruticultura, como a criação da Estrada do Melão, por exemplo, que vai reduzir o desperdício das frutas, assim como o escoamento da produção (SILVA et al., 2011).

No que se refere ao consumo, o mamão geralmente é consumido *in natura*, por causa das suas características nutricionais, como a vitamina A, cálcio e energia, além de auxiliar no processo digestivo (SOUZA et al., 2005). Por possuir um sabor aprazível e suculento, o mamão papaia tornou-se o preferido pelos consumidores, que além ser ingerido *in natura*, pode ser usando também como matéria-prima no preparo de bebidas e doces (ABREU, 2010).

O mamão é um fruto bastante perecível, seu amadurecimento pós-colheita ocorre de forma rápida, associada à taxa respiratória e a produção do etileno que são responsáveis por esse processo (FONTES et al., 2008). Assim, é bastante relevante a existência do controle de amadurecimento do fruto, mais precisamente quando se trata de atender o mercado externo, e até mesmo o interno (OLIVEIRA; VIANNI, 2004).

Sabendo então que o mamão é um fruto de fácil amadurecimento, na exportação, os modais marítimo e aéreo apresentam bons resultados para os exportadores (SOUZA, 2007). Em relação aos modais mais utilizados na exportação do mamão potiguar no ano de 2016, 15% do fruto foi exportado por via marítima, enquanto 85% pelo modal aéreo.

Outra fruta importante é a manga, onde no estado do Rio Grande do Norte, o Vale do Assú é considerado um dos maiores produtores, conforme as análises dos últimos anos, sendo comercializadas nos mercados externo e interno (MORAIS et al., 2017). Além disso, a manga é produzida em sete a nove municípios do Vale do Assú, onde em 2010, Ipanguaçu foi o município que mais produziu o fruto, com 20.000 toneladas (COSTA, 2013).

Outra fruta relevante na economia do RN é a banana (FIORAVANÇO, 2003). Com isso, como as demais frutas, tal produção promove o aumento da renda para a agricultura familiar, sendo responsável assim, para o desenvolvimento da região produtora.



Sendo considerado o trigésimo polo frutícola do Brasil, a maior produção de banana se localiza no Vale do Assú (BIDJEKE et al., 2004). A maior parte da produção desta fruta é consumida no mercado interno, onde apenas 1,5% da produção brasileira da banana são exportadas (EMBRAPA, 2012).

### 3. METODOLOGIA

Em seguida, são apresentadas as características desta pesquisa, bem como, seu tipo, instrumentos utilizados na coleta de dados e as técnicas atribuídas para a análise dos dados.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo consiste em uma pesquisa exploratório-descritiva, de caráter quali-quantitativo, amparadas em dados secundários (bibliográficos) e em dados primários, obtidos através de instrumento de coleta de dados, do tipo questionário, aplicados a duas organizações - uma empresa, de capital aberto; e, a outra, uma sociedade cooperativa, tornando-se também um estudo de caso 2, que para Yin (2001, p.33-34) é considerável dizer que:

A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

Ainda assim, as hipóteses utilizadas em pesquisas são caracterizadas como descritivo ou exploratório, sendo necessária para que sejam apresentados resultados relevantes, atingindo altos níveis de interpretações (LAKATOS; MARCONI, 2001).

No estudo a parte exploratória dar-se pelo fato de ser um assunto pouco explorado, que segundo Gil (1999), o propósito da pesquisa exploratória é oferecer uma visão diante um determinado fato, que ainda é pouco explorado e complexo na apresentação de hipóteses. Triviños (1987) explicou que a pesquisa descritiva requer do pesquisador uma técnicas, métodos, modelos e teorias que irão orientar na coleta e interpretação dos dados.

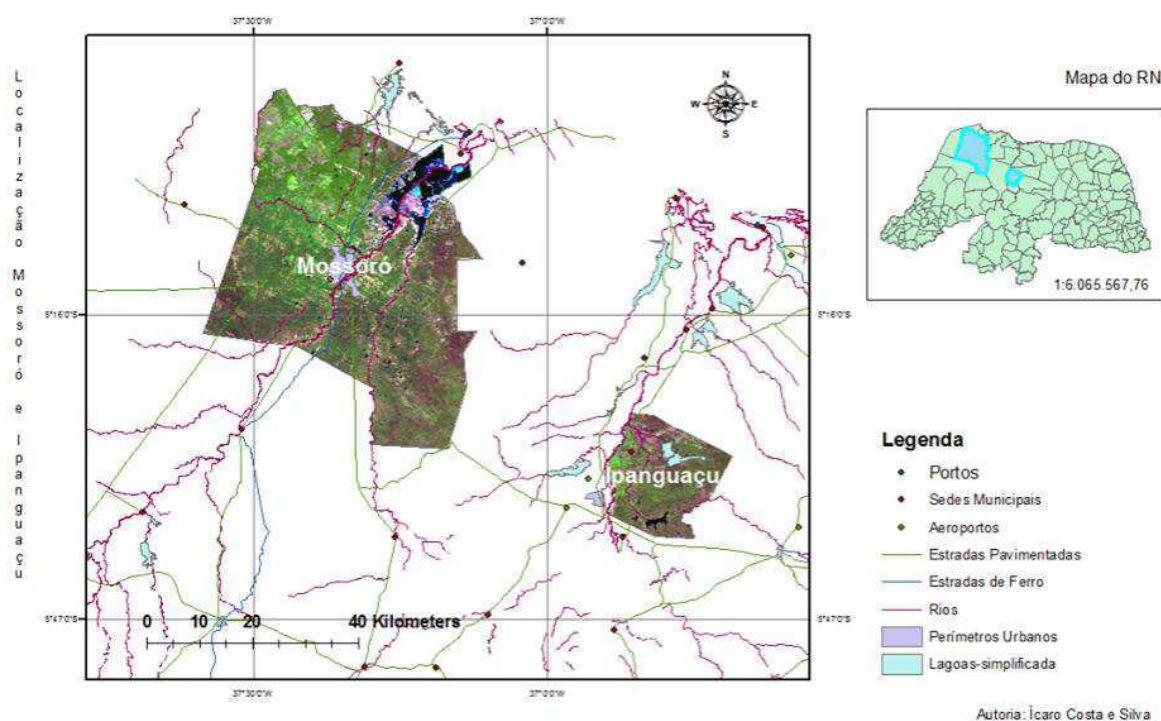
#### 3.2 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados primários foram utilizados dois questionários, abrangendo duas exportadoras de frutas, localizadas no estado do Rio Grande do Norte (Figura 2). A empresa denominada neste trabalho como “A” situa-se no município de Ipanguaçu – RN. Na empresa “A”, o respondente foi o gerente de

operações. A empresa está ativa no estado há 31 anos, porém deu início às suas atividades voltadas para o comércio externo há 19 anos. Suas filiais estão localizadas nos estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Além desta empresa, uma cooperativa deste setor, inserida no estado do Rio Grande do Norte, participou da pesquisa. Situada na zona rural de Mossoró, a cooperativa de fazendeiros, denominada de “B” exerce suas atividades de exportação e importação há aproximadamente 15 e 16 anos, o respondente da sociedade cooperativa foi o gerente comercial. A cooperativa não possui filiais, porém, 5 (cinco) fazendas fazem parte desta sociedade cooperativa, onde encontra-se há 15 anos.

Figura 2 – Localização geográfica dos municípios onde as exportadoras de frutas estão situadas no estado do Rio Grande do Norte.



Fonte: Silva (2017).

### 3.3 TÉCNICAS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados, foi necessária a análise dos dados secundários, levando-se em conta também os dados primários do questionário enviado as organizações participantes, foram utilizados nesta pesquisa, além do conhecimento científico o conhecimento empírico através das análises realizadas nas respostas dos

respondentes de ambas as organizações.

De acordo com Triviños (1987, p. 158), “a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa, como na investigação qualitativa [...]”. Diante disso, a análise de conteúdo foi a técnica utilizada para avaliar os dados desta pesquisa.

## 4. ANÁLISES DOS DADOS

O Referencial Teórico desta pesquisa ligar-se-á nesta seção à análise dos dados. Dessa forma será realizada a comparação entre os dados primários (obtidos por meio do questionário aplicado na empresa e na sociedade cooperativa, objetos da pesquisa) e os dados secundários (obtidos na pesquisa bibliográfica). Assim, será possível referendar ou refutar o conjunto de informações, no intuito de responder à problemática da pesquisa e conseqüentemente, aos objetivos propostos.

Sendo assim, optou-se para essa seção discorrer sobre aspectos, tais como: regimes aduaneiros, modais de transporte, modalidades de pagamentos e formas de seguros utilizados pelas organizações. As organizações estão apresentadas a seguir por letras do alfabeto de forma aleatória (A e B), sem nenhum tipo de classificação entre elas.

### 4.1 A PARTICIPAÇÃO DA EMPRESA/SOCIEDADE QUESTIONADA NO COMÉRCIO EXTERIOR

Assim como em todo o Brasil, no do Rio Grande do Norte também existem empresas envolvidas no comércio exterior, são diversos os produtos exportados para o mundo. No estado, empresas e cooperativas do ramo da fruticultura apresentam relevantes participações. Em seguida serão apresentadas características, estatísticas e outras informações.

### 4.2 EMPRESA/SOCIEDADE

A empresa A questionada têm como produtos de exportação a manga e a uva, sendo a manga e a uva comercializadas no mercado interno e externo. As mangas, conforme as estatísticas da FIERN encontram-se entre as principais frutas exportadas pelo estado do RN, ela também é considerada o produto “carro-chefe” desta empresa.

Na cooperativa B, os produtos encaminhados para o comércio exterior são o melão e a melancia, onde o seu principal produto, considerado “carro-chefe” é o Melão Amarelo, porém outros produtos considerados relevantes neste portfólio: Melancia, Melão Gália, melão Cantaloupe e o Melão Pele de Sapo, enquanto nas suas importações estão inseridos adubos, manta entre outras matérias.

Na empresa A, a manga é um produto que está sendo exportado há 19

(dezenove) anos no comércio exterior, enquanto a uva 7 (sete) anos no mesmo mercado. Entre os produtos inseridos no portfólio de exportação de produtos desta empresa a manga Tommy Atkins é considerada o principal produto exportado, já que a empresa comercializa outros tipos de mangas.

### 4.3 REGIMES ADUANEIROS ESPECIAIS

Para a importação de insumos do exterior para a produção de frutas, a empresa A utiliza o regime aduaneiro *Drawback* de modalidade suspensão. Conforme informações do Ministério da Fazenda, o *drawback* foi instituído no ano de 1966, pelo Decreto Lei nº 37, de 21/11/66. A cooperativa B também faz uso deste regime na modalidade suspensão, de acordo com a cooperativa B, a vantagem de utilizar o *Drawback* seria a ausência do IPI e do ICMS.

O regime aduaneiro de *Drawback* é utilizado desde muitos tempos atrás, sendo considerado um dos regimes mais antigos para incentivos às exportações, onde deu início no Brasil em 1934, onde logo após foi revogado, porém é encontrado hoje em um dos decretos (MOORI et al., 2012).

Conforme Lopez e Gama (2007, p. 352), o estímulo de *Drawback* pode ser utilizado nos seguintes casos:

- a) mercadoria importada para beneficiamento no País e posterior exportação;
- b) mercadoria (matéria-prima, produto semielaborado ou acabado) utilizada na fabricação de outro produto exportado ou a exportar;
- c) peça, parte, aparelho e máquina complementar de aparelho, máquina, veículo ou equipamento exportado ou a exportar;
- d) mercadoria destinada à embalagem, acondicionamento ou apresentação de produto exportado ou a exportar, desde que propicie, comprovadamente, uma agregação de valor ao produto final;
- e) animais destinados ao abate e posterior exportação.

No ano de 2008 foi inserido o Sistema Drawback de Suspensão Web, onde os dados (AC) anteriores foram transferidos para a plataforma web, no qual é integra-se ao Sistema Integrado de Comércio Exterior – SISCOMEX, tornando as operações mais práticas, e mais seguras às operações (BRASIL, 2014).

#### 4.4 MODALIDADES DE PAGAMENTO

Enquanto a modalidade de pagamento internacional utilizada pela empresa A o *Wire Transfer* (transferência bancária) é utilizada por ter como vantagem a sua rapidez. Pinto (2012) explica que a transferência bancária é uma alternativa de movimentar divisas de um país para outro (do importador para o exportador) conforme o prazo inserido no acordo das partes.

#### 4.5 MODAIS UTILIZADOS NA EXPORTAÇÃO DAS FRUTAS DO RN

Com relação aos modais utilizados pelas duas exportadoras de frutas o modal marítimo é o meio escolhido para o escoamento (exportação) das frutas para o comércio externo. O modal rodoviário leva a mercadoria até a zona primária (porto no caso) e, em seguida, a mercadoria transferida para o meio marítimo.

Apesar de o modal ser considerado “lento”, o modal marítimo tem as suas vantagens, como por exemplo, o custo comparando-se com o aéreo e por suportar uma grande quantidade de cargas. Moori et al. (2015) explicaram que este modal é responsável em média de 95% das exportações brasileiras, sendo considerado o principal modal no quesito exportação.

Conforme o gerente de operações da empresa A, o porto atual seria uma ótima marina para desenvolvimento do turismo, pequeno, cercado de prédios tombados, pois possui difícil acesso para bitrem<sup>4</sup>. Existem necessidades da duplicação das rodovias e da necessidade de um porto no litoral norte é outro fator negativo para o transporte das frutas.

#### 4.6 SEGURO

Conforme as informações dos respondentes, tanto na empresa A quanto na cooperativa B fazem uso do seguro, sendo que na empresa A utilizam há 7 anos, enquanto que a sociedade cooperativa B, em média de 10 anos.

Lopez e Gama (2007) apontaram que o seguro de transporte de mercadorias tem como objetivo oferecer ao contratante a segurança diante a mercadoria, contra

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma combinação de dois semirreboques acoplados através de uma quinta-roda.

danos e perdas no momento da movimentação e das obrigações necessárias durante o cumprimento da entrega *in loco* de direção pactuado.

#### 4.7 FRUTAS COMERCIALIZADAS NO MERCADO EXTERNO

Ambas as organizações vêm participando no comércio exterior por meio das *commodities* agrícolas *in natura*. A empresa A considerada uma das maiores exportadoras de frutas do Brasil exporta mangas e uvas, conforme as informações registradas pela FIERN (2016), as exportações de mangas ocupam a 4ª posição, ficando atrás apenas dos melões, das melancias e dos mamões.

Entre os produtos exportados, "carro-chefe" da empresa A são as mangas, mesmo que a empresa exporte outras frutas, como é o caso da uva, entre o seu portfólio a manga Tommy Atkins é o principal produto exportado. A primeira plantação do fruto pela empresa A iniciou-se no ano de 1987 e opera com o produto até os dias de hoje, ocupando uma área de 850 hectares. Moraes et al. (2017), explicaram que a região do Vale do Assú, localizada no estado do Rio Grande do Norte, destaca-se na produção irrigada da mangicultura.

Na cooperativa B, as frutas exportadas são o melão e a melancia que conforme as estatísticas da FIERN (2016), o melão encontra-se na 1ª posição e a melancia em 2º, isso diante as demais frutas exportadas pelo estado potiguar. O estado do Ceará e do Rio Grande do Norte são os maiores produtores de melões do Brasil, onde juntos no ano de 2014 foram responsáveis por 99,5% do total exportado no país (SANTOS; SANTOS, 2016).

Enquanto o produto "carro-chefe" da empresa A é a manga Tommy Atkins, na cooperativa B seu produto é o melão amarelo. Junto com todas as fazendas pertencentes, a cooperativa B possui uma área de 1500 hectares. Atualmente a sociedade cooperativa B trabalha para o comércio externo com o melão Cantaloupe, melão Gália, melão Pele de Sapo e o melão Amarelo redinha, além das melancias com sementes e sem sementes. No mercado interno, outras frutas se fazem presente.

De acordo com Costa et al. (2014), o cultivo da melancia do estado do RN dar-se pelos pequenos, médios e pelas grandes empresas, onde são movimentadas no mercado nacional, como também no comércio externo. A cooperativa B é um exemplo de empresa instalada no estado e que tem suas mercadorias comercializadas em ambos os mercados (interno e externo).



Entre o portfólio da empresa A, pode-se encontrar mangas: Tommy Atkins, Keitt, Palmer, Haden e Kent. No seu portfólio estão presentes também, as uvas: Sugraone, Thompson, Arra 15, Crimson e Benitaka. De acordo com Andrade et al. (2017), os principais países importadores desta fruta do Brasil fora: Holanda, Estados Unidos e Reino Unido, onde a União Europeia (UE), torna-se o principal mercado das frutas brasileira, atendendo 70% das exportações brasileiras para o continente.

No período de 1998 a 1999, a manga destacou-se como uma fruta bastante relevante para o setor frutícola, onde a fruta participou no comércio exterior brasileiro sendo uma das principais frutas frescas exportada do setor, atingindo 27,3% no ano de 1998 e 18,9% em 1999 (ALVES; BURNQUIST, 2002).

No Nordeste o polo produtor da uva está localizado no Vale do São Francisco, aonde vêm aumentando sua produção e sua participação no comércio exterior (AMARAL et al., 2016). Ambas as organizações possuem tecnologias e certificações inseridas no seu processo de produção e exportação com o intuito de fornecer produtos de qualidade para o consumidor.

#### 4.8 A VISÃO DAS ORGANIZAÇÕES DIANTE O DESENVOLVIMENTO DA FRUTICULTURA LOCAL

O respondente da cooperativa B avaliou o desenvolvimento do setor fruticultor nos últimos quinze anos como muito bom, já que uma parte, devido à falta de profissionalismo alguns concorrentes acabaram saindo da atividade. Enquanto isso, o gerente de operações da empresa A considerou o desenvolvimento regular, não justificando a sua resposta.

Conforme os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), nos últimos quinze anos, o ano que o Rio Grande do Norte mais exportou melões frescos foi o ano de 2007, onde o estado exportou 138.286.232 kg da fruta para o mercado externo, enquanto isso, o ano de 2002 exportou 61.082.297 kg, sendo a menor quantidade exportada da fruta neste período de 2002 a 2016.

No âmbito nacional, Arêdes e Rodrigues (2017) afirmaram que conforme o índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) os anos que o melão brasileiro *in natura* perdeu mercado no comércio externo, foram os anos de 2004, 2006, 2009 e 2010, os autores afirmaram que não apenas o setor de melões foi atingido, mas também outros setores devido à crise de especulação imobiliária americana de 2008.

Com relação às demais frutas exportadas pelas firmas, ainda neste período de quinze anos, o ano de 2016 exportou a maior quantidade de melancias, 37.669.717 kg, sendo o ano de 2002 a menor quantidade 4.822.050 kg da fruta, enquanto isso, as mangas apresentaram um melhor desempenho no ano de 2011, correspondendo a 11.018.562kg, no ano de 2002 não foram registradas estatísticas de exportação da fruta pelo estado do Rio Grande do Norte, porém, o ano de 2003 foi o ano que menos exportou o produto, sendo registrado 49.920 kg (BRASIL, 2017).

Com relação a participação da fruticultura nesses últimos quinze anos, o respondente da empresa A, destacou o ano de 2015 perante os demais anos devido a junção de clima, taxa do dólar, e baixa produção de países concorrentes. Neste ano de 2017, o Rio Grande do Norte exportou 9.369.834 kg de mangas para o mercado externo. Vidal e Ximenes (2016) apontaram que no Nordeste o mercado da manga aumentou na maioria dos anos entre no período de 2004 e 2015.

Atualmente a empresa A exporta suas *commodities* agrícolas para o mercado estadunidense, europeu, canadense, emiradense, russo e pretende expandir suas exportações, como por exemplo, a Argentina. Enquanto a cooperativa B, atende todo o mercado europeu e pretende comercializar seu produto com a Argentina, o Chile e o Uruguai. Ambas as organizações não pretendem inserir outro produto no mercado externo, pois pretendem manter apenas o que exportam hoje.

Com relação às expectativas para o setor da fruticultura do estado nos próximos anos, a cooperativa B espera que o mercado se mantenha vivo, já que está difícil, devendo ser plantado apenas o que deve plantar. A empresa A explica que a crise hídrica complica, o respondente explicou que nas suas expectativas o setor não estará nada bom, pois as empresas fogem do estado pela capacidade técnica dos políticos, ainda assim, o Ministério da Agricultura não se atualiza com o uso de novas tecnologias como a emissão de certificados fitossanitários digitais.

#### 4.9 A CONCORRÊNCIA

No que se refere a concorrência, o gerente comercial da cooperativa B explicou que os países da América Central, dando ênfase a Costa Rica e o melão da Espanha são os seus concorrentes no mercado externo. Em âmbito nacional, os principais concorrentes do Brasil são a Espanha, Guatemala e os Estados Unidos da América,

que no ano de 2013, essas três nações foram responsáveis por 41% do valor exportado do melão mundialmente (BARBOSA, J. A., 2016).

Adami et al. (2017) explicaram que no mercado europeu a Espanha e Israel tornam-se competidores com o mercado brasileiro de melão no período de junho e agosto devido questões sazonais, pois nesse período os custos são menores comparando-se com o Brasil.

Entre as frutas exportadas pela cooperativa B, a melancia também se faz presente nas negociações para o mercado externo. O estado do Rio Grande do Norte possui os maiores polos (Mossoró, Aracati e Assú) de produção da melancia sem sementes. Atualmente a China, Turquia e o Irã são os principais concorrentes do Brasil, que se encontra como o 4º maior produtor da fruta (UAGRO, 2016).

De 2010 a 2015, o Rio Grande do Norte classificou-se como um dos estados que mais exportou mangas, onde junto com a Bahia, Pernambuco e São Paulo neste período movimentaram 90% do total exportado pelo país (ADAMI et al., 2017). Na Figura 3 (p. 20) apresenta que no ano de 2011 as exportações de mangas foram bastante significativas.

Para a empresa A que tem como principal produto a manga, tem como concorrentes o México e o Equador. Mesmo a empresa A afirmando ter como concorrentes esses dois países, Treichel et al. (2016) acrescentam que o Brasil, devido à concorrência no mercado internacional de mangas concentra suas vendas no período de setembro e dezembro, isso porque os seus grandes concorrentes Peru e Equador deixam o mercado.

Araújo et al. (2017) afirmaram que o Brasil possui uma grande variedade de mangas (Keitt, Kent, Tommy Atkins e Haden), e que a manga do tipo Tommy Atkins, foi a que mais se adaptou ao clima semiárido. Porém, essa variedade, por não possuir sabor como as demais fizeram com que o comércio europeu consumisse outros tipos como é o caso da Keitt e Kent, enquanto isso, a Haden, por possuir uma difícil adaptação ao clima, possui uma produtividade inferior às demais.

Conforme Araújo e Campos (2016), o setor da fruticultura entra no mercado internacional de forma acentuada, e que devido a isso o entendimento da economia globalizada, as empresas devem reagir às constantes mudanças no mercado, assim como as suas exigências, caso contrário perderá lugar para a concorrência.

Ambas as organizações se baseiam nas janelas de mercado (esperando a saída de um determinado país para se posicionar) e isso pode ser um erro, uma vez

que países como o México, por exemplo, anda investindo de forma disparada em tecnologias para o aumento das suas produções sem a necessidade da dependência do clima, além dos sistemas de irrigação e fertirrigação, como também outras tecnologias estão sendo desenvolvidas.

#### 4.10 O AGRONEGÓCIO DO RN DIANTE O SETOR DA FRUTICULTURA

O agronegócio tem uma relevante participação no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, assim como também nas exportações totais do país. Figueiredo et al. (2012) salientaram que 47% das mercadorias destinadas ao mercado externo foram do agronegócio, atingindo 33% do PIB. O estado do Rio Grande do Norte em 2016 gerou um *superávit* de US\$ 138,3 milhões. Foram registrados US\$ 220,3 milhões em exportações e US\$ 81,9 em importações (BRASIL, 2017).

Sabendo então da relevante participação da fruticultura diante o agronegócio do estado do Rio Grande do Norte. A empresa A explicou que a localização, as mesorregiões diversas (solo e altitude) são os fatores que levam o estado se destacar no setor. A cooperativa B acrescenta que o clima é favorável, calor, pouca humidade e para quem puder investir na perfuração do solo, o lençol freático é abundante.

Com relação à participação da fruticultura no agronegócio potiguar, a cooperativa B, explica que se deve investir em tecnologias de ponta, enquanto na pecuária a caprinocultura não apresenta grande representatividade econômica, enquanto o melão leva emprego mais importante a atividade. De acordo com as informações estatísticas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2017), as frutas destacam-se diante os demais produtos exportados do agronegócio do RN, no ano de 2016 foram exportados 188.663.612 kg de frutas (incluindo nozes e castanhas), representando 87,25% das exportações.

Sabendo-se ainda que estado, assim como o Brasil é um dos países que mais participam do agronegócio e inclusive na fruticultura, o país encontra-se ainda dependente das importações de insumos para a sua produção agrícola. A empresa A importa fertilizantes do tipo, granulado e foliares para a produção das frutas, já a cooperativa B, fertilizantes do tipo NPK (Nitrogênio, Fósforo e Potássio).

Ao avaliar o agronegócio do estado diante nos últimos quinze anos, a empresa A classifica-o como regular, sua justificativa é que os gargalos que impedem o desenvolvimento do agronegócio são a falta de água e as estruturas do atual porto do

estado que se limita apenas com uma única cia marítima atuando. De acordo com Pereira et al. (2013), a companhia que atua no porto da cidade opera apenas na costa oeste da Europa, caso existindo a pretensão do exportador mandar suas mercadorias para outra parte do mundo será necessário o transbordo da mercadoria para outro navio ou companhia.

Para a cooperativa B, a falta de união entre os envolvidos têm sido algo negativo para o desenvolvimento do agronegócio do estado potiguar, tendo como consequência a saída de outros do mercado.

Ao avaliar o agronegócio do Rio Grande do Norte perante o contexto internacional a empresa A explica que se deve investir em uma estrutura logística, tanto no porto quanto no aeroporto, assim como incentivos fiscais por parte do governo e incentivos para exportações. Elali (2007) explicou que os incentivos fiscais são bastante significativos para o desenvolvimento da economia. Assim, tanto a cooperativa B, quanto a empresa A classificou a participação do agronegócio do RN no comércio externo como regular.

Assim, entende-se que vários fatores ainda precisam ser melhorados para o melhor desenvolvimento da fruticultura e para o agronegócio do estado, já que a fruticultura tem uma grande representatividade nas exportações do agronegócio do Rio Grande do Norte.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante as respostas atendidas através do questionário, foi possível identificar que a empresa A, assim como a cooperativa B, objetos da pesquisa, têm grandes vantagens no mercado externo, isso devido os produtos terem certificações e pelo clima favorável que agrega cor, sabor e cheiro as frutas tropicais da região. Observou-se também que o setor frutícola apesar de apresentar resultados crescentes (ao relacionar o seu desenvolvimento no estado do Rio Grande do Norte), alguns fatores precisam ser atendidos, como é o caso dos incentivos e da estrutura logística, já que como foi observado o estado encontra-se como um dos maiores exportadores de frutas do Nordeste, localizado no *ranking* estatístico como o 4º maior produtor de frutas da Região Nordeste. A empresa A sugeriu a construção de um novo porto para o escoamento das mercadorias, propondo o porto atual para o setor turístico, a cooperativa acrescentou que a estrutura do porto atual limita as exportações.

Diante das explicações de ambas as empresas em relação ao agronegócio do estado, compreendeu-se a relevância da fruticultura para o agronegócio do estado já que as frutas destacam-se diante os demais produtos do agronegócio potiguar que são encaminhados para o comércio externo, notou-se também que as tecnologias adotadas no setor agrícola estão sendo adotadas por países concorrentes dificultando a comercialização das empresas exportadoras que baseiam-se apenas nas janelas de mercado no período de safra diante o clima. Podendo então as firmas investirem mais na qualidade do seu produto e no Marketing Internacional do seu produto exportado.

Foi possível avaliar também que durante o período de 2002 a 2016, os dados estatísticos do MDIC, mostraram que algumas frutas ganharam forças no mercado, porém as organizações consideram o mercado das frutas regular. A empresa A destacou o ano de 2015 como um ano favorável às exportações devido a junção de clima no estado, taxa do dólar e a baixa produção da concorrência, a cooperativa B não argumentou sobre qual ano foi favorável, porém, explicou que os fatores climáticos foram favoráveis.

Ambas as firmas relacionaram períodos em que nem sempre a balança comercial registrou baixa nas exportações, dando-se a entender que outros fatores estão associados para ambas e para as demais empresas exportadoras de frutas. Portanto, o presente estudo gerou informações importantes para o entendimento da

dinâmica econômica da fruticultura do Rio Grande do Norte, especialmente para o comércio exterior.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Isabella Santiago. S. **Monitoramento da embriogênese somática de Carica papaya L. por técnicas citogenéticas e de citometria de fluxo**. 2010. 44f. Dissertação (Mestrado em Genética e Melhoramento) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.
- ADAMI, Andréia Cristina Oliveira et al. Oferta de exportação de frutas do Brasil: o caso da manga e do melão, no período de 2004 a 2015. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza - CE. v. 47, n. 4, p. 63-78, mar. 2017.
- Agência de Fomento do RN. Central do Investidor. Fruticultura. Disponível em:< <http://www.centraldoinvestidor.rn.gov.br>>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- ALICEWEB. Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior. **Consultas**. Disponível em <<http://aliceweb.mdic.gov.br>>. Acesso em 15 ago. 2017.
- ALVES, J. M.; BURNQUIST, H. L. Competitividade e tendência da produção de manga para exportação do nordeste do Brasil. Piracicaba, SP: ESALQ/USP, v. 147, 2002.
- ALVES, Leila Maria Moreira. **Uma análise da competitividade das exportações da fruticultura cearense e brasileira: O caso do abacaxi e da melancia**. 2009. 100 f. Tese (Doutorado em Economia Rural) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- AMARAL, Geisa Velozo et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do Vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. **C@ LEA-Cadernos de Aulas do LEA**, v. 1, n. 5, p. 1-17, 2016.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL PARA DIFUSÃO DE ADUBOS. Estatísticas. Disponível em:<<http://anda.org.br/index.php?mpg=03.00.00&ver=por>>. Acesso em: 15 de jun. 2017.
- ANDRADE, José Ellys Evangelista Silva; COSTA, Pollyana Gusmão; LEITE, Ângelo Antônio Macedo. Análise da estratégia de operações na produção de manga para exportação. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, Maringá - PR. v. 10, n. ed. esp., p. 115-136, mai. 2017.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA 2010. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta, 2010.
- ARAÚJO, Diogo de Oliveira; MORAES, João Artur Alves; De CARVALHO, José Luiz Moreira. Fatores determinantes na mudança do padrão de produção e consumo da



manga no mercado nacional. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, Maringá - PR. v. 10, p. 51-73, mai. 2017.

ARAÚJO, Vilma Felix da Silva; CAMPOS, Domingos Fernandes. A Cadeia Logística do Melão Produzido no Agropolo Fruticultor Mossoró/Açu. **Revista Econômica do Nordeste**, [S. l.] v. 42, n. 3, p. 505-530, 2016.

ARÊDES, Alan Figueiredo; RODRIGUES, Josiane Silva. COMPETITIVIDADE E DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRA DO MELÃO. **Humanas Sociais & Aplicadas**, Campos dos Goytacazes – RJ. v. 7, n. 18, 2017.

AROUCHA, Edna Maria Mendes et al. Qualidade pós-colheita da cajarana em diferentes estádios de maturação durante armazenamento refrigerado. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal - SP. v. 34, n. 2, p. 391-399, jun. 2012.

AZEVEDO, Benito Moreira et al. Efeitos de níveis de irrigação na cultura da melancia. **Revista Ciência Agronômica**, Fortaleza - CE. v. 36, n. 1, p. 9-15, jan. 2004.

BAHIA. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura. **Anuário Brasileiro da Fruticultura**. Disponível em:<[http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/PDF%20Fruticultura\\_2017.pdf](http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/PDF%20Fruticultura_2017.pdf)>. Acesso em: 2 out. 2017.

BASTOS, Francisco Gleyber Cartaxo et al. Efeitos de espaçamentos entre plantas na cultura da melancia na Chapada do Apodi, Ceará. **Revista Ciência Agronômica**, Fortaleza - CE. v. 39, n. 2, p. 240-244, abr. 2008.

BATISTA, Alex Dias et al. Caracterização física, físico-química e química de frutos de pitangueiras oriundas de Cinco Municípios Baianos. **Revista Magistra**, Cruz das Almas - BA. v. 26, n. 3, p. 397-407, jul. 2014.

BATISTELLA, Matheus et al. **Monitoramento da expansão agropecuária na Região Oeste da Bahia**. Embrapa Monitoramento por Satélite-Documents (INFOTECA-E), 2002. Disponível em:<<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/16804/1/d20babn des.pdf>>. Acesso em 12 out. 2017.

BARBOSA, Fernanda Cristina Martins. **Políticas agrícolas e os gargalos do agronegócio brasileiro: o caso da Política de Garantia de Preços Mínimos–PGPM**. 2016. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Gestão do Agronegócio) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BARBOSA, Janaina Araújo. **A competitividade das exportações de castanha de caju e melão no Nordeste brasileiro: 1997-2013**. 2016. 61 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Economia Rural) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e a nova visão social e territorial do trabalho agropecuário formal nordestino**. 2008. 260 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

BIDJEKE, Raoul; VITAL, Tales Wanderley; MÖLLER, Horst Dieter. Competitividade entre empresas de exportação da banana no Nordeste brasileiro. In: XLII Congresso da SOBER, 2004, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: XIII Congresso da SOBER, 2004.

BRAGA, Daniely Formiga et al. Crescimento de melancia 'mickylee' cultivada sob fertirrigação. **Revista Caatinga**, Mossoró - RN. v. 24, n. 3, p. 49-55, 2011.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Drawback suspensão/integrado**. 2014. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/drawback/drawback-suspensao-integrado#web>>. Acesso em: 17 out. 2017.

BUAINAIN, Antônio Márcio; BATALHA, Mário Otávio. **Cadeia produtiva de frutas**. Brasília: IICA/MAPA/SPA, 2007. v. 7.

BUSTAMANTE, Paula Margarita Andrea Cares. A fruticultura no Brasil e no Vale do São Francisco: Vantagens e desafios. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza - CE. v. 40, n. 01, p. 153-171, jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Alice Web, consultas**. Disponível em: <[alicesweb.mdic.gov.br/](http://alicesweb.mdic.gov.br/)>; Acesso em: 11 de fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **AGROSTAT - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro**. Disponível em: <<http://indicadores.agricultura.gov.br/index.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

CAMPOS, Kilmer Coelho; CARVALHO, Fátima Marília Andrade de. Produção, mercados e emprego no arranjo produtivo local de fruticultura irrigada no estado do Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza - CE, v.41, n. 3, p. 557-579, jul. 2010.

CARVALHO, Rosemeiry Melo; CUNHA FILHO, Miguel Henrique. Competitividade da fruticultura brasileira no mercado internacional. **Revista de Economia e Agronegócio-REA**, Viçosa - MG. v. 5, n. 4, 2015.

CASTELLANE, Paulo Donato; CORTEZ, Glauco Eduardo Pereira. **A cultura da melancia**. 1. ed. Jaboticabal: FUNEP, 1995. v. 1.

CONTINI, Elisio et al. Exportações: Motor do agronegócio brasileiro, **Revista de Política Agrícola**, Brasília - DF, v. 21, n. 2, p. 88-102, abr. 2012.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. Africanidades na paisagem brasileira. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis - SC. v. 7, n. 1, p. 96-116, 2010.

CORREIA, Rebert Coelho; ARAÚJO, José Lincoln Pinheiro; CAVALCANTI, E. de B. A fruticultura como vetor de desenvolvimento: o caso dos municípios de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA). In: Embrapa Semiárido-Artigo em anais de congresso (ALICE). In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 39., 2001, Recife. **Anais...** Recife: SOBER/ESALQ/EMBRAPA/UFPE/URFPE, 2001. 1 CD-ROM, 2001.

COSTA, Ana C. R. et al. **O potencial fruticultor do Rio Grande do Norte no mercado internacional**. Cadernos Temáticos, Brasília. 2007. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/cadernos4\\_gestao\\_admi.pdf#page=57](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/cadernos4_gestao_admi.pdf#page=57)>. Acesso em: 12 out. 2017.

COSTA, Ana Mônica Britto et al., Espacialização Socioeconômica da Microrregião do Vale do Açu/RN por geoprocessamento. in: Congresso de Iniciação Científica do IFRN, 2013, Currais Novos - RN. **Anais...** Currais Novos: Congresso de Iniciação Científica do IFRN, 2013.

COSTA, Lúcia de Fátima Lúcio Gomes. **Estratégias internacionais da fruticultura do RN: o caso finobrasa processo e evolução**. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

COSTA, Nivaldo Duarte.; LEITE, Wêydjane de Moura. **Manejo e conservação do solo e água: potencial agrícola do solo para o cultivo da melancia**. Embrapa Semiárido. Barreiras, 2007. Disponível em:<<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

COSTA, Ewerton Marinho et al. Diversidade de Coleópteros em área cultivada com melancia no semiárido do Rio Grande do Norte. **Revista Agro@mbiente On-line**, Boa Vista - RR. v. 8, n. 2, p. 293-297, 2014.

COSTA, Nivaldo Duarte et al. **Cultivo do melão**. Petrolina: Embrapa Semiárido. 2000. Disponível em:<<http://www.almanaquedocampo.com.br/imagens/files/O%20cultivo%20do%20mel%20C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

CUENCA, Manuel Alberto Guitiérrez; NAZÁRIO, Cristiano Camopos. **Importância econômica e evolução da cultura do cacau no Brasil e na região dos tabuleiros costeiros da Bahia entre 1990 e 2002**. Embrapa Tabuleiros Costeiros-Documents (INFOTECA-E), Aracaju - SE. 2004. Disponível em:<<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/876224/1/doc72.pdf>>. Acesso: 12 out. 2017.

DIAS, Rita de Cássia Souza et al. **Cultura da melancia**. Embrapa Semiárido, Petrolina - PE, v. 20 p. 2001. Disponível em:<<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/152045>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

ELALI, André. Incentivos fiscais, neutralidade da tributação e desenvolvimento econômico: a questão da redução das desigualdades regionais e sociais. In: MARTINS, Ives ELALI, André. **Incentivos fiscais**: questões pontuais nas esferas federal, estadual e municipal. São Paulo: MP ed, p. 37-66, 2007.

EMBRAPA. **Polos de Produção de Mamão no Brasil**. Cruz das Almas – BA, 2016. Disponível em:<<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1062698/polos-de-producao-de-mamao-no-brasil>>. Acesso em: 12 Jan 2017.

\_\_\_\_\_. **Banana**: o produtor pergunta, a EMBRAPA responde, Brasília - DF. 2 ed. 2012. Disponível em:<<file:///C:/Users/20151015020038.IFRN/Downloads/500-Perguntas-Banana-ed02-2012.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2017.

FACHINELLO, José Carlos et al. Situação e perspectivas da fruticultura de clima temperado no Brasil. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal - SP. v. 33, n. S1, p. 109-120, out. 2011.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **Downloads**, 2015. Disponível em:<<http://www.fao.org.br/download/PA20142015CB.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

FAVERET FILHO, Paulo de Sá Campello; ORMOND, José Geraldo Pacheco; PAULA, Sergio Roberto Lima de. Fruticultura brasileira: a busca de um modelo exportador. BNDES Setorial, Rio de Janeiro - RJ, n. 9, 1999. Disponível em:<[file:///C:/Users/20151015020038/Downloads/BS%2009%20Fruticultura%20brasileira\\_P.pdf](file:///C:/Users/20151015020038/Downloads/BS%2009%20Fruticultura%20brasileira_P.pdf)>. Acesso em: 2 out. 2017.

FERRAZ, Álvaro. Fruticultura. 2013. Disponível em:<<http://www.ifcursos.com.br/sistema/admin/arquivos/151944apostilafruticultura.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. 2017.

FIORAVANÇO, João Caetano. Mercado mundial da banana: produção, comércio e participação brasileira. *Informações econômicas*, [S.l.] v. 33, n. 10, p. 15-27, 2003.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. Dados Estatísticos Comércio Exterior, 2016. Disponível em: <[http://www2.fiern.org.br/images/pdf/espaco\\_empresarial/cin/Exportacoes\\_do\\_RN\\_-\\_Dezembro\\_e\\_acumulado\\_2016\\_.pdf](http://www2.fiern.org.br/images/pdf/espaco_empresarial/cin/Exportacoes_do_RN_-_Dezembro_e_acumulado_2016_.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FONTES, Renata Venturim. et al. Atividade da pectinametilesterase e sua relação com a perda de firmeza da polpa de mamão cv. Sunrise Solo e Tainung. **Revista Brasileira Fruticultura**, Jaboticabal - SP. v. 30, n. 01, p. 054-058, mar. 2008.

GASQUES, José Garcia et al. **Desempenho e crescimento do agronegócio no Brasil**. Brasília. 2004. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2701/1/TD\\_1009.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2701/1/TD_1009.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Pimentel. **Fruticultura brasileira**. 13. ed. São Paulo: Nobel Editora, 1972.

GRANGEIRO, Lenilson C.; CECÍLIO FILHO, Arthur B. Acúmulo e exportação de macronutrientes em melancia sem sementes. **Horticultura Brasileira**, Brasília - DF. v. 23, n. 3, jul. 2005.

IBGE. **Estatística de Produção**, 2016. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Produção Agrícola**, 2012. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

JANK, Marcos Sawaya; NASSAR, André Meloni; TACHINARDI, M. H. Agronegócio e comércio exterior brasileiro. **Revista USP**, São Paulo - SP. n. 64, p. 14-27, dez. 2005.

LACERDA, Marta Aurélia Dantas; LACERDA, Rogério Dantas; ASSIS, Poliana Cunha de Oliveira. A participação da fruticultura no agronegócio brasileiro. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande - PB. v. 4, n. 1, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIRA, Maria Gomes da Conceição; OLIVEIRA, Brigitte Renata Bezerra. Processo de transferência e adaptação de tecnologia e conhecimento: o caso EMBRAPA Semiárido. **Revista Semiárido De Visu**, Pernambuco. v. 2, n. 2, p. 274-284, 2012.

LOPEZ, José Manoel Cortiñas; GAMA, Marilza. **Comércio exterior competitivo**. 3. ed. São Paulo - SP: Aduaneiras, 2007.

MARANHÃO, Rebeca Lima Albuquerque; VIEIRA FILHO, José Eutásquio Ribeiro. **A dinâmica do crescimento das exportações do agronegócio brasileiro**. 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7320>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

MORAIS, Patrícia Lígia Dantas et al. Diagnóstico Fitossanitário da Produção Integrada de Manga no Vale do Assu (RN). **Revista MAGISTRA**, Cruz das Almas - BA. v. 26, n. 2, p. 231-241, abr. 2017.

MOORI, Roberto Giro et al. O efeito do tipo de produto e das capacidades logísticas sobre o ciclo do pedido. **REAd-Revista Eletrônica de Administração**, São Paulo - SP. v. 21, n. 1, abr. 2015.

MOORI, Roberto Giro; BENEDETTI, Mauricio Henrique; KONDA, Sussumo Tatenauti. O regime aduaneiro de drawback em operações logísticas internacionais. **Revista Pretexto**, Belo Horizonte - MG. v. 13, n. 1, jan. 2012.

NASCIMENTO, Katiucy Lemes; NASCIMENTO, Carlos Alves; CARDOZO, Soraia Aparecida. A dependência crescente do agronegócio para os saldos de comércio exterior brasileiro, 1998 a 2007. In: Congresso de Sociedade Brasileira de Economia, 23, 2008, Rio Branco - AC. **Anais...** Rio Branco: Sociedade Brasileira de Economia, 2008.

NEVES, Marcos Fava; LAZZARINI, Sérgio Giovanetti; MACHADO FILHO, Cláudio A. Pinheiro. Cenários e perspectivas para o agribusiness brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 35. Natal. **Anais...** Natal: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 1997, p. 859.

OLIVEIRA, J. R.; VIANNI, R. Efeito da aplicação do 1- MCP na pós-colheita do mamão 'Golden'. In: REUNIÃO DE PESQUISA DO FRUTIMAMÃO, 2, Campos de Goytacazes, **Anais...** Campos de Goytacazes: UENF, 2004. p. 317-323.

PARANÁ. Secretaria da Agricultura e Abastecimento - Estado do Paraná. **Arquivos**. Disponível em:<[http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/2017/Fruticultura\\_2016\\_17.pdf](http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/2017/Fruticultura_2016_17.pdf)>. Acesso em: 3 nov. 2017.

PASSOS, Orlando Sampaio.; SOUZA, Jose da Silva. Considerações sobre a fruticultura brasileira, com ênfase no Nordeste. Cruz das Almas – BA. ed. 1994. Disponível em:<<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/637987/1/COConsideracoesobreFruticulturaOrlandoPassosDocumentos541994.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

PEREIRA, Arabelly Félix et al. A visão das empresas de assessoria em comércio internacional sobre o porto de Natal. **Revista Uniabeu**, Belford Roxo - RJ. v. 6, n. 14, p. 137-155, set. 2013.

PINTO, Ana Sofia Martins. **Experiências no comércio internacional**: da logística às barreiras culturais. 2012. 77. f. Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial) - Universidade do Minho, Braga, 2012.

QUAGLIO, Silvana. Brasil desponta no entre crises. **Revista Análise Logística**, São Paulo, p. 3, [S.n.: s.v.] 2012.

QUEIROZ, Manoel Abílio et al. Situação atual e prioridades do Banco Ativo de Germoplasma (BAG) de curcubitáceas do Nordeste brasileiro. **Horticultura Brasileira**, Brasília - DF, v. 17, p. 25-29, 1999.

SALDANHA, P. H. Mistura de raças mistura de genes. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro - RJ, v. 9, n. 50, p. 48-53, 1989.

SANTOS, José Rayres Pereira dos; SANTOS, José Márcio dos. Estudo da Competitividade das Exportações de Melão nos estados de Rio Grande do Norte e Ceará de 1997-2014. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador - BA. v. 1, n. 1, ago. 2016.

SCHWANTES, Fernanda; FREITAS, Clailton Ataídes; ZANCHI, Vinicius Vizzotto. Determinantes da balança comercial do agronegócio brasileiro do período de 1990 a 2007. **Revista Econômica do Nordeste**, [S. l.] v. 41, n. 2, p. 249-266, abr. 2017.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Arquivos**. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/64ab878c176e5103877bfd3f92a2a68f/\\$File/5791.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/64ab878c176e5103877bfd3f92a2a68f/$File/5791.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

SEBRAE. **Relatório de Gestão**. Disponível em: [http://www.rn.sebrae.com.br/uploads/Relatorio\\_de\\_Gestao\\_2016\\_UNIAO\\_FINAL\\_2017\\_1302\\_17h.pdf](http://www.rn.sebrae.com.br/uploads/Relatorio_de_Gestao_2016_UNIAO_FINAL_2017_1302_17h.pdf)>. Acesso em: 16 de dez. 2017.

SILVA, Elias Inácio et al. Levantamento da incidência da mancha-aquosa do melão no Rio Grande do Norte e determinação do tamanho das amostras para quantificação da doença. **Summa Phytopathologica**, São Paulo - SP. v. 29, n. 2, p. 173, fev. 2003.

SILVA, Fernanda Aparecida et al. Competitividade das exportações brasileiras de mamão, 1995 a 2008. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Viçosa - MG. v. 9, n. 3, p. 393-420, mar. 2011.

SILVA, Jorge Luiz Mariano da; MONTALVÁN, Daniel Borja Valdez. Exportações do Rio Grande do Norte: estrutura, vantagens comparativas e comércio intra-industrial. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília - DF. v. 46, n. 2, p. 547-568, abr. 2008.

SILVA, Ícaro Costa. Localização geográfica dos municípios onde as exportadoras de frutas estão situadas no estado do Rio Grande do Norte. [Natal]: ArcGIS, 2017. Mapa, col.

SILVA, Priscilla Rocha. Uma abordagem sobre o mercado de hortaliças minimamente processadas. **Informações Econômicas**, São Paulo - SP. v. 38, n. 4, p. 52-57, abr. 2008.

SILVA, Sônia Rebolças; SILVA, Lúcia Maria Ramos; KHAN, Ahmad Saeed. A fruticultura e o desenvolvimento local: o caso do núcleo produtivo de fruticultura irrigada de Limoeiro do Norte-Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza - CE, v. 35, n. 1, p. 39-57, jan. 2004.

SOUZA, Bianca Sarzi et al. Conservação de mamão 'Formosa' minimamente processado armazenado sob refrigeração. **Revista Brasileira de Fruticultura**. Jaboticabal - SP. v. 27, n. 2. p. 273-276, ago. 2005.

SOUZA, Sueli Alves Moreira. Mamão no Brasil: distribuição regional da produção e comportamento dos preços no período 1996-2005. **Informações Econômicas**, São Paulo - SP. v. 37, n. 9, set. 2007.



TREICHEL, Michelle et al. **Anuário Brasileiro da Fruticultura 2016**. Santa Cruz do Sul: Gazeta Santa Cruz, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UAGRO. In: Universo Agro. Melancia: mercado favorável para exportação da fruta. Barueri – SP, c2016. Disponível em: <<http://www.uagro.com.br/editorias/agricultura/2016/01/08/melancia-mercado-favoravel-para-exportacao-da-fruta.html>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

VIDAL, Maria de Fátima; XIMENEZ, Luciano J. F. **Comportamento recente da fruticultura nordestina: área, valor da produção e comercialização**. Caderno Setorial ETENE, ano 1º nº 2, (2016). Disponível em: <[https://www.bnb.gov.br/documents/80223/1138347/3\\_fruta.pdf/e5f76cc8-c25a-ff08-6402-9d75f3708925](https://www.bnb.gov.br/documents/80223/1138347/3_fruta.pdf/e5f76cc8-c25a-ff08-6402-9d75f3708925)>. Acesso em: 1 nov. 2017.

VIEIRA, Luanne Morais et al. Fenólicos totais e capacidade antioxidante in vitro de polpas de frutos tropicais. **Revista brasileira de Fruticultura**, [S.l.] v. 33, n. 3, p. 888-897, 2011.

VILELA, N. J.; AVILA, AC de; VIEIRA, J. V. Dinâmica do agronegócio brasileiro da melancia: produção, consumo e comercialização. Brasília - DF. **Embrapa Hortaliças. Circular Técnica**, 2006. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/780883/1/ct42.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

WAACK, Roberto S., TERRERAN, M. Thereza. Gestão tecnológica em sistemas agroindustriais. In: CALDAS, Ruy de A. et al. **Agronegócio brasileiro: ciência, tecnologia e competitividade**. Brasília: CNPq, 1998.

YIN, Roberto. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

## ANEXO A - Questionário

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO  
NORTE - IFRN  
QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO PARA O LEVANTAMENTO DAS  
INFORMAÇÕES SOBRE A FRUTICULTURA

## QUESTIONÁRIO

**DADOS REFERENTES AO ENTREVISTADO**

1. Nome completo:
2. Nome da organização:
3. Formação acadêmica:
4. Tempo de atuação na empresa/sociedade e cargo que desempenha atualmente:
5. Tempo de atuação em cargo relacionado à área de comércio exterior:

**DADOS REFERENTES À EMPRESA/SOCIEDADE**

1. Nome da empresa/sociedade:
2. Qual a natureza jurídica?
3. Qual o tempo de existência da empresa?
4. Há quanto tempo atua no estado do Rio Grande do Norte?
5. O tempo de atividade da empresa/sociedade no comércio exterior? (Informe o tempo para exportação e importação).
6. A empresa/sociedade possui filial? Onde?
7. Quais produtos a empresa/sociedade exporta e/ou importa?
8. Quais produtos são comercializados no mercado interno?
9. Qual o produto considerado “carro-chefe”?
10. Faz quanto tempo que exporta e/ou importa esses produtos?
11. Quais os principais produtos desse portfólio, que exporta e/ou importam?
12. A empresa/sociedade utiliza drawback? Se sim, qual a modalidade? Existe vantagem em utiliza-lo?
13. Qual (is) a (s) modalidade (s) de pagamento internacional utilizada? Quais as vantagens em utilizar?
14. Por qual modal transporta os produtos? Quais as vantagens e desvantagens deste modal?
15. Qual o volume da produção total e exportada?

16. Utiliza-se Incoterms, qual (is)? Qual (is) a (s) vantagem (ns) em utilizar?
17. Utiliza seguro? Qual? Há quanto tempo?
18. Utiliza financiamento à exportação? Qual? Qual modalidade? Quais as vantagens em utilizar?
19. Quantos funcionários estão envolvidos na produção?
20. A empresa/sociedade aumentou o seu número de funcionários nos últimos quinze anos?
21. Por que escolheu essa região do estado para se instalar?
22. Como você avalia a empresa/sociedade nos últimos quinze anos?

### **DADOS REFERENTES ÀS ÚLTIMAS EXPORTAÇÕES DE FRUTAS**

1. Diante das estatísticas da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte no ano de 2016, frutas como: melão, melancias, mamões, mangas e bananas destacaram-se como as principais frutas exportadas pelo estado. Tendo esse conhecimento, como você avalia o desenvolvimento do setor da fruticultura nos últimos quinze anos?
  - a) Excelente
  - b) Bom
  - c) Regular
  - d) Ruim
  - e) PéssimoPor quê?
2. Em sua opinião, quais fatores são considerados favoráveis para a produção de frutas no estado do Rio Grande do Norte?
  - a) O solo
  - b) Fatores climáticos
  - c) Fatores logísticos
  - d) Fatores geográficos
  - e) Caso outros fatores, em sua opinião, quais?
3. A empresa/sociedade utiliza as mesmas tecnologias aplicadas nos últimos quinze anos? Se sim, quais? Essas tecnologias aumentaram a produção das frutas?
4. Quais modais foram utilizados pela empresa/sociedade para escoar os seus produtos para exportação nos últimos quinze anos?
  - a) Aéreo
  - b) Marítimo

- c) Aéreo e marítimo
  - d) Rodoviário
  - e) Caso outros modais, quais?
5. Quais fatores de produção direta (matérias-primas) a empresa/sociedade tem importado para a sua produção nos últimos quinze anos? Quais são os países fornecedores? Justifique a sua resposta.
6. Em sua opinião, quais fatores poderiam facilitar o aumento da produção de frutas no estado do Rio Grande do Norte?
- a) Incentivos governamentais
  - b) Estrutura logística (estradas, portos, aeroportos)
  - c) Feiras internacionais realizadas no Estado
  - d) Novas tecnologias (máquinas para produção e armazenamento)
  - e) Caso outros fatores, em sua opinião, quais?
7. Os sistemas de irrigações são bastante importantes para o cultivo de frutas na região Nordeste. Algum sistema de irrigação e/ou fertirrigação é utilizado pela empresa/sociedade? Se sim, qual (is)?
8. Quais as suas expectativas para o setor da fruticultura do Rio Grande do Norte nos próximos anos?
9. Em sua opinião, quais são os seus principais concorrentes no mercado externo?
10. Para quais países a empresa/sociedade a sua empresa/sociedade exporta atualmente? Existem perspectivas para exportar para outros países?
11. A empresa/sociedade pretende inserir outro produto (fruta) no mercado externo?

### **DADOS REFERENTES AO AGRONEGÓCIO POTIGUAR**

12. Conforme as estatísticas do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - MAPA, as frutas têm uma participação bastante significativa nas exportações do agronegócio do RN. Na sua opinião, o que leva a fruticultura potiguar se destacar diante os demais produtos?
13. Durante os últimos quinze anos da participação da fruticultura no agronegócio do estado do Rio Grande do Norte, qual ano você destacaria perante os demais? Justifique a sua resposta.

14. Quais tipos de fertilizantes a empresa/sociedade utiliza?

15. Como você avalia o agronegócio do Rio Grande do Norte nos últimos quinze anos? Justifique a sua resposta.

- a) Excelente
  - b) Bom
  - c) Regular
  - d) Ruim
  - e) Péssimo
- Por quê?

16. Como você avalia o agronegócio no Rio Grande do Norte perante o contexto internacional? Quais aspectos poderiam ser melhorados?

- a) Excelente
  - b) Bom
  - c) Regular
  - d) Ruim
  - e) Péssimo
- Por quê?

Outras considerações a respeito da fruticultura:

---

---

---

---

---

---

---

---